



O Espírito do Pranto

Caio Alves

“O amor começa quando uma pessoa se sente só e termina quando uma pessoa deseja estar só”.

Liev Tolstói

1

Os passos mancos e descompassados enrolaram-se em desgraça, lançando Void ao chão. Os pertences alçaram voo de seus braços magros e compridos, e o estúpido livro que carregava, despencou, amassando a esquina da capa de couro.

Ele curvou as costas, recompondo-se de sua queda. Olhou rapidamente para os lados para ver se alguém o observava e, então, relaxou os ombros ao ver que estava sozinho no corredor. As suas olheiras avermelhadas sangravam o resto de sanidade que ainda lhe restava, os lábios secos quase rachavam.

As rachaduras ornavam os beiços escondidos, enfiados para dentro do corpo em decomposição. A boca estava atrofiada de tal forma que se tornava incrível o fato de aquele homem poder falar. De longe sua aparência era jovem, mas de perto o seu corpo parecia estar apodrecido.

A amargura lhe dominava, cada curva de seu corpo exausto explicitava isso. As mãos estavam cerradas, guardando um rancor de séculos. Sua depressão corria pelas veias e artérias e seus cabelos negros e sem vida pareciam estar desmaiados sobre a cabeça que não parava de refletir.

Sorratamente, ele esfregou a ponta do indicador para sentir a deformação que causara no exemplar, mas relevou o dano no objeto. Apenas prosseguiu com seu andar lento e depressivo em direção ao seu apartamento. O corpo era um fardo a se carregar, um prédio decadente, depredado e prestes a sucumbir.

A porta fora recém-pintada de branco, mas a sua estrutura era antiga. O olho mágico ameaçava juntar suas pálpebras à medida que a maçaneta prateada e arredondada, quando acionada, quase que se soltava. Tudo estava desmoronando, embora estivesse superficialmente saudável.

Void esforçou-se para ingressar na sala e, por três vezes, precisou empurrar a

porta até que ela cedesse. Por ser irregular, o piso de madeira bloqueava sua abertura completa, fazendo com que ele se espremesse pela batente. Isso o perturbava, mas, ao mesmo tempo, a sensação de ter algum desafio agradava-o, algo porque lutasse, mesmo que fosse apenas para sentir o alívio de estar dentro da sala e poder respirar novamente.

O livro foi arremessado sobre a mesa de centro, gerando um estrondo ecoante. As estantes, que ocultavam as paredes, titubearam. E a poeira acumulada sobre sua enorme biblioteca pessoal entrou em suspensão.

Ele tossiu e esfregou os olhos irritados, terminando por sentar-se em sua poltrona vermelho-barro. O ruído agudo, de ar comprimido escapando por um orifício, mordeu seus tímpanos sensíveis, porém ele logo se esqueceu da bocada e tentou relaxar.

Os cotovelos, levemente enrugados e suados, repousavam sobre os braços desgastados da poltrona, ao passo que ele esticava o pescoço a fim de contemplar a cidade, visível somente pelo estreito vão entre as cortinas de cor bege.

Ele estendeu a perna esquerda, tentando alcançar o véu com a ponta de seu sapato gasto, mas pouco conseguiu afastar uma cortina da outra. Impaciente, Void alçou-se e deu um único grande passo para arrastar os véus até o limite de sua envergadura.

Ele o fez e retornou ao seu assento, de onde contemplava o horizonte urbano. Algo que realizara alguns milhões de vezes durante sua vida eterna.

Seus olhos dispersavam-se contando os arranha-céus extraordinariamente altos, enquanto o céu avermelhado abraçava as nuvens do final da tarde. Ele já tinha aquela vista de cor em sua mente, sabia o ponto exato em que o sol estaria e como seus raios iriam segmentar-se até atingirem a sua janela.

Não se gabava por dominar as coordenadas do crepúsculo, gastava mais tempo contemplando-o do que fazendo algo realmente útil de sua vida.

Nesse mesmo dia ele pretendia realizar alguma coisa relevante, decidiu pegar um livro emprestado na biblioteca municipal. Leu algumas páginas e foi então que notou que já o havia lido antes.

Estava esforçando-se para abandonar a rotina, mas isso se tornava cada vez

mais complicado.

Procurar fugir do cotidiano era algo que o deixava aflito, pelo fato de os especialistas afirmarem que, quando se começa a almejar um escape, o fim é iminente.

O fim era algo que recorria na mente de Void. Às vezes ele se perdia imaginando o que seria dele do outro lado. Se tudo aquilo faria algum sentido ou se apenas aconteceria, como uma extensão natural da vida, de forma imperceptível. A descontinuação da vida era inconcebível, de certa forma ele ainda tinha a sensação de que viveria para sempre.

E se as coisas não fizerem sentido? Talvez a ausência de um entendimento da vida seja a maior essência da nossa vivência ou talvez seja a essência da nossa miséria. E, assim, ele sempre encerrava a sua reflexão, tentando observar alguma diferença entre a vivência e a miséria.

“A miséria é a ausência do necessário para sobreviver e a vivência é a procura do necessário para sobreviver. Se estou à procura de algo, é porque não o possuo, logo, não tenho o necessário para sobreviver e sou miserável”.

Seu corpo híbrido, erguido sobre máquinas, urrava como um chimpanzé. Todos os dispositivos que almejavam subjugar sua natureza ajoelhavam-se diante de seu gene egoísta e replicador, o qual ansiava viver eternamente, mesmo que não houvesse motivação.

A carne escrava repousava-se sobre a poltrona como se estivesse preparada para ser servida, mas a morte não parecia interessada em seu sabor amargo.

2

Com o cair da noite, as cortinas foram fechadas. Não porque o horizonte fosse menos interessante no escuro, pelo contrário, as luzes dos edifícios confundiam-se com as luzes dos veículos que os atravessavam, dando uma sensação de que a cidade inteira movia-se diante de seus olhos. Entretanto, a angústia dominava-o, parecia querer engolir seu corpo por inteiro. Seu estômago revirava-se mil vezes em torno de seu próprio eixo, dando um nó em sua garganta. A respiração era apertada e dolorida.

Ele começou a tatear os armários, buscando por algo de provável inutilidade. Sua angústia apenas foi reduzida ao encontrar um livro acanhado, de capa dura e sem conteúdo. Escondido nos recônditos do seu quarto.

Era um espaço em branco, pronto para que fosse deixado o seu mórbido registro para a eternidade. Void pousou o exemplar em sua escrivaninha e abriu na primeira página.

Seus dedos tremiam, pedindo uma ordem para que pudessem escrever. Mas sua mente estava travada, nada fazia sentido, seus movimentos eram quase cacoetes.

Os garranchos tortos, aos poucos, tomavam forma, as letras vomitadas sobre o papel, passaram a gravar suas dores. Cada linha escrita era como um eletrocardiograma, marcando o pulso crescente de Void que, há pouco, parecia esperar sua última visita.

Como se ele narrasse para um ouvinte no passado, produziu o que viria a ser a primeira página de um diário, descrevendo um pouco do presente em que estava aprisionado.

Eu vivo num futuro utópico. Sei que você tem muita curiosidade em saber tudo o que tenho a contar-lhe, leitor, mas eu não quero me prolongar logo no nosso primeiro momento. Sendo sucinto, o que eu posso dizer sobre o mundo de hoje? Não o seu mundo, claro. Aquela pequena esfera cinza naquele reles sistema planetário.

Saiba que já estamos muito além no tempo, e que a humanidade encontra-se muito além dos céus.

Temo que alguma incógnita o persiga, leitor, mas creio que não será tão rigoroso ao me julgar. Creio que será compreensivo, pois me é muito mais difícil escrever do que foi para qualquer outro autor em toda a história da humanidade: uns escreveram para o futuro, outros para o presente, mas nunca aos seus remotos antepassados selvagens.

Tudo que escrevo é perfeitamente claro para alguém de meu tempo, mas estou certo de que, para você, não o é. Eu acho engraçado e, ao mesmo tempo, complicado explicar as coisas de hoje que me parecem tão simples e permanentes. É como se você, leitor, precisasse escrever sobre um computador para um homem das cavernas...